

O Conceito de fé em João Calvino: Uma Perspectiva Particular de um Conceito Universal

Daniel Leite Guanaes de Miranda¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar uma perspectiva particular de um conceito universal: a fé. O conceito de fé, a despeito de estar presente nas mais diversas cosmovisões, apresenta-se de formas distintas em cada uma delas. Muitas críticas são feitas à fé, uma vez que ela é vista, majoritariamente, como algo desprovido de profundidade, intelectualmente pobre. No presente artigo, a fé é apresentada, no pensamento de João Calvino, como nobre perspectiva deste conceito universal.

PALAVRAS-CHAVE

Fé; João Calvino; Cosmovisão; Conceito.

ABSTRACT

The goal of this work is to demonstrate a particular perspective of an universal concept: the faith. The concept of faith, even been present in all worldviews, presents itself in different ways, in each one of them. Much criticism has been done about faith, because it is seen as something without strength, intellectually poor. In the present article, faith is introduced, in John Calvin's thought, as noblest prospect of this universal concept.

KEYWORDS

Faith; John Calvin; Worldview; Concept.

¹ Pastor Presbiteriano, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Escola de Pastores e em psicologia pela UNESA; mestrando em teologia pelo CPAJ - Mackenzie e professor da Escola Teológica Reformada, no Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

As diferentes cosmovisões existentes fazem com que o homem enxergue o mundo de acordo com a lente fornecida pela perspectiva adotada por ele. Ateísmo, Teísmo Humanista, Teísmo Cristão, Deísmo e outras cosmovisões partem de perspectivas distintas para responder a perguntas universais, feitas pelo ser humano.

Porque revelam divergência em suas formulações, as cosmovisões podem ser analisadas comparativamente. Ou seja, é válido e necessário, no estudo das mesmas, fazer comparações entre a maneira pela qual determinada proposta enxerga um assunto de uma forma e outra, de um ponto de vista completamente diferente.

O objetivo deste trabalho é analisar a maneira como a cosmovisão cristã reformada, no pensamento de João Calvino, contempla o conceito de fé. Conquanto a percepção gerada pelo senso comum pareça indicar que cristãos enxergam o mundo de maneira uniforme, uma análise básica da história do Cristianismo mostra que, no teísmo cristão, existem algumas divergências que dão margem para que estas compreensões do mundo sejam identificadas como cosmovisões menores, dentro de uma cosmovisão maior².

A sistematização da cosmovisão reformada tem como ponto de partida a Reforma Protestante, ocorrida no século XVI. Em seu conflito com a *práxis* da Igreja no que concerne à obtenção da salvação, Martinho Lutero, monge agostiniano e primeiro reformador deste movimento, defendeu a tese de que a justificação de uma pessoa se dá pela graça, mediante a fé, somente. Com esta afirmação, ele mostrava, ainda que incipientemente, a centralidade do conceito da fé no pensamento cristão protestante.

Assim como Lutero, os demais reformadores, dentre os quais se encontrava João Calvino, advogavam em favor da suficiência da fé para a salvação. Isto indica que este é um conceito central no pensamento deste teólogo. Calvino, ao iniciar seu discurso sobre fé, em sua obra, as Institutas, afirmou:

Só há um meio e um caminho para nos livrarmos de tão grande calamidade; a saber, Jesus Cristo sendo nosso redentor, por cuja mão o Pai celestial, tendo piedade de nós conforme sua imensa

² Por cosmovisões menores entenda-se cosmovisões que derivam de outra, e não cosmovisões de menor importância.

bondade e clemência, nos quis socorrer. Isso, sempre que nós abracemos esta sua misericórdia com uma *fé* sólida e firme e descansemos nela com uma esperança constante.³

Esta declaração mostra como a fé é um conceito de extrema importância na perspectiva calvinista. Sem o mesmo, esta cosmovisão é completamente alterada, tamanha sua centralidade para o reformador francês. A cosmovisão cristã tem em grande conta o aspecto soteriológico. Apresentando a fé como central no processo de salvação, Calvino demonstra como este é um conceito fundamental em sua maneira de se perceber o mundo.

Por esta razão, o propósito deste trabalho é analisar o pensamento de João Calvino acerca da fé, mostrando que, conquanto esta cosmovisão pertença a uma cosmovisão maior, a saber, o teísmo cristão, ela distingue-se de outras percepções cristãs em alguns aspectos, dentre os quais está o abordado.

Para tal objetivo, o trabalho divide-se em três capítulos: a fé como um conceito universal, onde este assunto é apresentado como pertencente às mais diversas cosmovisões; a importância da fé no teísmo cristão; e o conceito de fé no pensamento de João Calvino. Esta é, portanto, uma análise dedutiva do conceito de fé. Partindo da demonstração deste conceito de uma perspectiva geral, segue-se uma análise do mesmo no teísmo cristão, culminando em considerações do conceito de fé no pensamento reformado.

1. A FÉ COMO UM CONCEITO UNIVERSAL

O conceito de fé está presente em todas as cosmovisões. As lentes mediante as quais as pessoas enxergam o mundo, inevitavelmente, indicam a capacidade de as mesmas crerem naquilo que lhes é apresentado como verdadeiro ou correto.

A despeito de este conceito ser, muitas vezes, tido como um pressuposto exclusivo do teísmo cristão, é impossível pensar em algum sistema de percepção da vida que não requeira fé por parte daqueles que o adotam.

Alister McGrath afirma, por exemplo, que, no senso comum, “a fé é tida como um tipo de crença que reflete um nível mais baixo de conhecimento”⁴.

³ Calvino, João. *Instituição de la Religião Cristiana*. Rijswijk: FELIRE, 1968, p. 405.

⁴ McGrath, Alister. *Intellectuals Don't Need God & other modern myths*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992, p.48.

Aurélio Buarque de Holanda, em seu dicionário, apresenta este conceito, em primeiro lugar, como “uma crença religiosa e conjunto de dogmas e doutrina que constituem um culto”⁵.

Estas afirmações mostram como a idéia vigente é a de que a fé está intimamente associada com a dimensão religiosa de uma ou algumas cosmovisões. Uma vez que a vida tende a ser, por boa parte das cosmovisões, enxergada de forma fragmentada, o mais natural é que a fé seja posta no âmbito religioso de determinada maneira de se enxergar o mundo.

Consequentemente, este raciocínio faz com que as pessoas entendam a fé como um conceito ausente da cosmovisão daqueles que não têm pressupostos que contemplem a existência de uma divindade. Ateus dos mais diversos segmentos, portanto, são tidos como homens que vivem sem a necessidade de fé.

Todavia, é fundamental destacar que a fé não está necessariamente restrita ao contexto cristão ou religioso de maneira geral. Qualquer aceitação de um conjunto de proposições pressupõe fé, em algum sentido, por parte daquele que confia em tais afirmações. Isto é, mesmo para advogar a favor da invalidade da religião ou da inexistência do transcendente, é fundamental que este alguém creia em sua tese.

Norman Geisler e Frank Turek escreveram um livro onde mostram que a fé cristã é mais fácil de ser crida do que o ateísmo. Com esta obra, os autores mostram que ambas cosmovisões exigem fé. “Porque todos os livros foram escritos por alguma razão, todos os autores crêem no que escreveram”⁶. Ou seja, tudo aquilo que é sustentado em uma cosmovisão, em última instância, depende da capacidade de a mesma ser crida por aqueles que a defendem.

Alister McGrath⁷, em sua obra *O Delírio de Dawkins*, onde refuta o pensamento do ateu Richard Dawkins exposto no livro *Deus, um delírio*, conta que em uma de suas palestras um jovem ateu o criticou pois sua fé tinha sido abalada mediante aquela exposição.

Depois de uma dessas conferências, fui confrontado por um jovem muito irritado. A palestra não tinha sido particularmente notável. Baseando-me em rigorosos argumentos científicos, históricos e

⁵ Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.764.

⁶ Geisler, Norman L.; Turek, Frank. *I Don't Have Enough Faith to be an Atheist*. Wheaton: Crossway Books, 2004, p.13.

⁷ Professor de teologia histórica da Universidade de Oxford e pesquisador sênior do Harris Manchester College. Doutor em biofísica molecular e em teologia por Oxford e autor de alguns livros, dentre os quais se encontra *O Delírio de Dawkins*.

filosóficos, eu apenas havia demonstrado que a questão intelectual de Dawkins contra Deus não resistia a nenhum exame crítico. Aquele homem estava, no entanto, irritado - na verdade, diria que estava furioso. Por quê? Porque, disse-me ele, apontando-me nervosamente o dedo, eu havia “destruído sua fé”, pois seu ateísmo repousava na autoridade de Richard Dawkins, e eu havia minado totalmente sua fé.⁸

Esta afirmação mostra como a fé é elementar a qualquer cosmovisão. Até mesmo para adotar o ateísmo como maneira de enxergar a vida uma pessoa precisa crer na veracidade de seus princípios. Neste sentido, um ateu tem tanta fé quanto um cristão; um teísta cristão quanto um deísta ou teísta humanista. Não há quem, em sã consciência, categorize algo como verdade sem crer no que sustenta.

Considerando a cosmovisão como um “conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou inconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a formação básica do nosso mundo”⁹, é imprescindível que todo homem creia nas pressuposições por ele defendidas.

James Sire, em *O Universo ao Lado*, sustenta a tese de que uma cosmovisão pode ser percebida a partir de um conjunto de respostas a sete perguntas básicas: ‘Qual é a realidade primordial?’; ‘Qual a natureza da realidade externa?’; ‘O que é um ser humano?’ ‘O que acontece quando uma pessoa morre?’; ‘Por que é possível conhecer alguma coisa?’; ‘Como sabemos o que é certo e errado?’; ‘Qual o significado da história humana?’¹⁰.

A despeito da resposta a ser dada a estas perguntas, o fato é que toda resposta pressupõe confiança, daquele que responde, nas assertivas que o mesmo apresentou como correspondentes às perguntas. Partindo deste princípio, é incorreto atribuir a idéia de fé a um número reduzido de cosmovisões, ou simplificá-la como um conceito presente tão somente na dimensão religiosa das mesmas.

Outra possibilidade de perceber a fé como um conceito universal é atentando para as questões que levam o homem a pensar na origem de todas as coisas. As duas grandes teorias que explicam a origem do universo podem ser tomadas como exemplo para demonstração da presença da fé em qualquer cosmovisão. Criacionismo e evolucionismo definem, basicamente, a maneira pela qual as pessoas entendem a

⁸ McGrath, Alister. *O Delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p.26.

⁹ Sire, James. *O Universo ao Lado*. São Paulo: Hagnos, 2004, p.21.

¹⁰ Sire, James. *O Universo ao Lado*. Op cit, p.22.

origem, existência e permanência do universo. Seus pressupostos caminham em direção diametralmente opostas.

Enquanto um defende a origem de todas as coisas por intermédio de um Deus criador e sustentador, auto-existente, inteligente, consciente e dotado de vontade, o outro alega que tudo deriva da matéria; Um processo evolutivo fez e faz com que a matéria seja alterada e constantemente transformada, gerando aquilo que é conhecido como universo.

Não obstante a estas diferenças, ambas as teorias exigem, de seus defensores, fé. Assim como um criacionista precisa crer na existência de um ser criador, maior que tudo e que todos, um evolucionista precisa crer no poder de transformação da matéria. Não apenas no poder de transformação, mas em sua capacidade de fazer com que, mediante as transformações, todas as coisas funcionem lógica e coerentemente.

Ao pensar nas duas teorias para a explicação da origem do universo, por exemplo, pode-se inferir que, à semelhança da tese de Norman Geisler e de Frank Turek, a capacidade de crença de um ateu precisa ser maior do que a de um teísta cristão, para sustentar seus pressupostos.

Como explicar ausência de criador em um mundo onde lógica é perceptível, há coerência na ordem da existência e no ciclo da vida, seres são dotados de inteligência, moral e ética são observadas? De que forma argumentar racional e empiricamente em favor da casual evolução da matéria, considerando que a harmonia existente na natureza indica intencionalidade, objetividade e vontade?

Fazer parte dos que, no senso comum, são tidos como os desprovidos de fé requer muito mais capacidade de crer do que se imagina. Hitler e Stalin, ateus confessos, precisavam crer piamente na supremacia de suas raças para posicionarem-se como se posicionaram. Feuerbach, filósofo alemão que argumentou que “Deus era uma invenção fantasiada pelos seres humanos, a fim de lhes proporcionar consolação metafísica e espiritual”¹¹, precisava crer em sua afirmação. Freud, que disse que a crença em Deus deriva do anseio do homem pela figura paterna, precisava crer nesta teoria. Marx, defensor da idéia de Deus como um derivado das questões sociais, precisava estar convicto da veracidade desta tese.

¹¹ Harvey, Van A. Feuerbach and the Interpretation of Religion. In: MCGRATH, Alister; MCGRATH, Joanna. *O Delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, pp. 75,76.

Quer seja um defensor do teísmo, quer um radical opositor do mesmo; Seja um criacionista, ou evolucionista; Viva o homem considerando ou ignorando a idéia ou existência de Deus, é impossível que alguma cosmovisão permaneça sem a existência deste conceito que, conquanto exercido de formas particulares, é, sem dúvida, universal, devido à sua presença nas mais diversas formas de se perceber a vida.

2. A IMPORTÂNCIA DA FÉ NO TEÍSMO CRISTÃO

Partindo da análise dedutiva da fé como um conceito universal, este capítulo tem como objetivo apontar a centralidade deste elemento na cosmovisão teísta cristã. Esta maneira de se enxergar o mundo foi, até o fim do século XVII, dominante. Conquanto divergências fossem comuns quanto à forma de perceber alguns aspectos da vida, “disputas intelectuais eram, em sua maioria, disputas familiares”¹².

Isto significa que as diferentes percepções não ultrapassavam, de forma geral, os limites que definiam o teísmo cristão. A origem do universo mediante criação *ex nihilo*, a existência de um Deus criador, a possibilidade de revelação e outras premissas básicas indicavam que as possíveis ‘batalhas intelectuais’ permaneciam no contexto cristão.

Conforme afirmou Sire, “dominicanos podiam discordar de jesuítas, jesuítas de anglicanos, anglicanos de presbiterianos, *ad infinitum*, mas todas essas partes concordavam com o mesmo conjunto básico de pressuposições”¹³. A visão cristã norteava o pensamento da humanidade, nas mais diversas áreas da vida. Isto, pelo fato de que os homens criam na veracidade daqueles pressupostos.

Apesar de a fé poder ser apresentada universalmente como a confiança em determinadas assertivas ou idéias (o que a caracteriza como um elemento presente em todas as cosmovisões), como visto no capítulo anterior, este conceito é apresentado, no teísmo cristão, com uma conotação mais específica.

2.1. DEFINIÇÃO DE FÉ NO TEÍSMO CRISTÃO

Se, universalmente, a fé pode ser definida como a capacidade do ser humano dar credibilidade a assertivas que julga ser verdadeiras, no teísmo cristão a mesma pode ser definida como a convicção da existência de um único Deus auto-existente, criador e

¹² Sire, James. O Universo ao Lado, op. Cit, p.27.

¹³ Sire James, O Universo ao Lado. Idem, p.27.

diferente da criação, bem como nos princípios registrados nas Escrituras Sagradas, partindo da premissa de que os mesmos constituem-se na revelação escrita de Deus ao homem.

Esta definição básica já aponta para significativas diferenças entre a idéia universal deste conceito e esta percepção particular. Segundo a perspectiva teísta cristã, a fé não é mera confiança em premissas. Ela constitui-se em profunda convicção de fatos.

John Stott, teólogo cristão do século XX, afirmou ser a fé a virtude mais mal compreendida no escopo doutrinário do Cristianismo¹⁴. Segundo ele, tal incompreensão deve-se ao fato de que o conceito de fé é, geralmente, simplificado à definição universal (exposta no capítulo anterior). Ela é vista como credulidade ou otimismo depositado em qualquer objeto.

No Teísmo Cristão, contudo, a fé não é apenas uma confiança ou otimismo. Tampouco é algo que pode acontecer sem um objeto específico previamente determinado. A fé cristã é uma convicção em um objeto definido, real e verdadeiro.

Deus é o objeto maior da fé, no Cristianismo. Se, por um lado é correto afirmar que o cristão é aquele que confia em Deus, ater-se tão somente a este ponto é uma redução deste conceito. O cristão é aquele que confia no objeto de sua fé, pois está *convicto*¹⁵ de que tal objeto é real, verdadeiro e definido. A realidade do Deus auto-existente, criador e diferente da criação é objeto não apenas da confiança, mas da convicção do cristão.

As Escrituras Sagradas, livro essencial para o conhecimento da verdade de Deus na cosmovisão cristã, apresentam o conceito de fé cerca de duzentas e cinquenta vezes, em todo o seu escopo. A definição mais clara de fé, a partir deste livro, encontra-se na carta aos Hebreus.

Neste registro, a fé é apresentada como “*a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem*” (Hb 11.1). O autor de Hebreus apresenta, neste verso, duas pequenas sentenças que definem a fé. Em ambas, o mesmo mostra que esta virtude não é identificada como especulação, fuga, inferência, probabilidade ou outra idéia que expresse relatividade. A fé é, pelo autor desta carta, identificada como convicção e certeza.

¹⁴ Stott, John. Fé: Uma crença ilógica no que não se pode provar? Disponível em http://www.monergismo.com/textos/fe/fe_stott.htm. Acesso em 25.09.07.

¹⁵ Itálico Meu

Mathew Henry, comentando esta passagem de Hebreus, diz que “a fé é uma persuasão firme”¹⁶. Jamieson, Fausset e Brown, discorrendo sobre o mesmo texto, afirmam que “a fé consiste na substancial esperança dos crentes pelas promessas de Deus”¹⁷. Adam Clarke, ainda sobre o mesmo texto, diz ser “a fé é a demonstração da certeza de coisas por argumentos precisos e indubitáveis razões”¹⁸. As três definições acima mencionadas indicam esta particularidade da fé cristã.

Tal fato é de suma importância, sobretudo considerando que um dos ataques à cosmovisão teísta cristã tem como base a incorreta definição de que fé cristã é infantil e passível de ser desmentida¹⁹. É exatamente refutando este pensamento, com base na definição bíblica do conceito, que Stott afirma: “a fé verdadeira é essencialmente racional, porque se baseia no caráter e nas promessas de Deus. O crente em Cristo é alguém cuja mente medita e se firma nessas certezas”²⁰.

2.2. OBJETO DA FÉ NO TEÍSMO CRISTÃO

Diante da exposição feita acima, de que a fé ultrapassa a idéia de mera e cega confiança, pode ser levantada a seguinte objeção: ‘Como é possível ter certeza de algo que se desconhece?’ Tal objeção pode ser feita, pois, como visto no primeiro capítulo deste trabalho, a fé, em seu sentido universal constitui-se na confiança em algo. Se não há objeto definido, no qual a fé é depositada, com base em quê se pode ter alguma firme convicção?

Na cosmovisão teísta cristã, a fé ultrapassa a simples confiança, pelo fato de que seu objeto é claramente definido, existente e verdadeiro. Como citado anteriormente neste trabalho, Deus é o objeto maior da fé. A convicção ou certeza inerentes a este conceito, na perspectiva cristã, deve-se à realidade da existência do objeto ao qual está fé é direcionada.

¹⁶ HENRY, Mathew. *The Bethany Parallel Commentary on the New Testament*. Minneapolis: Zondervan Publishing House, 1983, p.1323.

¹⁷ JAMIESON;FAUSSET; BROWN. *The Bethany Parallel Commentary on the New Testament*. Minneapolis: Zondervan Publishing House, 1983, p.1323.

¹⁸ CLARKE, Adam. *The Bethany Parallel Commentary on the New Testament*. Minneapolis: Zondervan Publishing House, 1983, p.1323.

¹⁹ Argumento de ateus que se opõem radicalmente à fé cristã, segundo exposição de McGrath, Alister, em *O Delírio de Dawkins*, p.29.

²⁰ Stott, John. Fé: Uma crença ilógica no que não se pode provar?

Porque Deus existe, a fé cristã ultrapassa a idéia de simples confiança. Porque este objeto é real, crer não é ‘dar um salto no escuro’²¹. O cristão está convicto e tem certeza, de acordo com o autor de Hebreus, de coisas que se esperam e de fatos que não se vêem. Isto é fundamental para a compreensão da fé na cosmovisão cristã. Certeza e convicção derivam do fato de que o objeto em quem esta fé é depositada é real.

Esta afirmação pressupõe a existência de dois objetos nos quais a convicção do cristão se apóia: Deus e sua revelação mediante as Escrituras. O objeto último que sustenta a certeza do crente, no teísmo cristão, é Deus. No Cristianismo Deus é um ser infinito e pessoal, transcendente e imanente, onisciente, soberano e bom²².

Só é possível crer na revelação de Deus se, antes, houver convicção quanto à sua existência. Na definição supramencionada, é a idéia da infinitude de Deus que dá base para se crer em sua existência. Segundo Sire, “ele não tem semelhante, mas somente ele é o ser total e o fim-total da existência. Ele é, na verdade, o único ser auto-existente... Deus é a única existência primordial, a única realidade primordial e a única fonte de toda e qualquer realidade”²³.

Como muitos tencionaram mostrar ao longo da história²⁴, há evidências naturais que indicam esta eterna auto-existência de Deus. A suficiência de muitas provas, assim como a inexistência da plenitude das mesmas são indícios que corroboram com a tese cristã da existência de Deus.

Porque existe um número suficiente, mas não cabal, de provas da existência de Deus, a mesma é verdadeira. Ou seja, porque é Deus e tencionou se revelar, deu evidências de si. Contudo, porque é Deus, e difere-se da criatura, é impossível que esta o conheça plena e exhaustivamente. Não obstante a isto, a impossibilidade de conhecê-lo plena e exhaustivamente em nada diminui a certeza de sua realidade, possibilitando que a fé seja, nesta cosmovisão, vista como uma convicção.

Deste objeto maior, Deus, a fé, segundo definição do autor de hebreus, é tida como convicção ou certeza também porque tem como base outro objeto, que deriva do maior. Assim como a fé, na cosmovisão cristã, é uma certeza pelo fato de ter como

²¹ Félix, Luciene. Professora de Filosofia e Mitologia Greco-Romana da ESDC, expondo o pensamento de Kierkegaard acerca da fé. “fé exige o sacrifício de Isaac, ou seja, um salto no escuro, a disposição sincera de abdicar daquilo que consideramos mais precioso. Paradoxalmente, “é preciso puxar a faca para que se possa ter Isaac de volta”. Isso é fé”. Disponível em http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_kierkegaard.htm . Acesso em 25.09.07

²² Definição de James Sire em O Universo ao Lado, p.30.

²³ Sire, James. O Universo ao Lado, Op. Cit, p.30

²⁴ Vide São Tomás de Aquino “Cinco Vias da Existência de Deus”.

objeto o ser de Deus, ela também o é pois tem como objeto a revelação que este Deus faz de si e de sua vontade.

Estes objetos da fé, na perspectiva cristã, são indissociáveis. O cristão crê em Deus porque este se revelou a ele. De igual forma, a revelação só é passível de crença se há convicção da existência de Deus.

Quando o autor de Hebreus define fé, conforme mencionado acima, ele afirma que ela é a certeza das coisas que se esperam e a convicção de fatos que não se vêem. Conquanto se espere e se não veja, só se espera aquilo de que se ouviu e que é real. Ademais, cabe ressaltar que fatos não são hipóteses, especulações ou suposições; são acontecimentos, realidades, ainda que não presenciadas historicamente.

Estas afirmações mostram como o conceito de fé, no teísmo cristão, difere-se do conceito universal, presente em todas as cosmovisões. A perspectiva cristã define a mesma como uma convicção, e não como mera confiança. Ademais, ao invés de poder ser direcionada para qualquer foco, no Cristianismo a fé tem um objeto específico: Deus e sua revelação. Tais pressupostos indicam a existência de percepções particulares deste conceito universal. Percepções estas que, conquanto não sejam ainda o extremo desta particularidade, há muito deixaram de ser identificadas com sua visão universal.

3. CONCEITO DE FÉ EM JOÃO CALVINO

Tendo considerado, nos capítulos anteriores, o conceito de fé numa perspectiva universal e, posteriormente, no teísmo cristão, o objetivo deste capítulo é analisar o conceito de fé no pensamento de João Calvino.

Conhecido como o grande pastor de Genebra, João Calvino foi um dos mais importantes teólogos que a Igreja Protestante conheceu. Sem dúvida, o mais destacado no século dezesseis. Gonzalez, sobre ele, afirma:

Enquanto Lutero foi o espírito feroso e propulsor do novo movimento, Calvino foi o pensador cuidadoso que forjou, das diversas doutrinas protestantes, um todo coerente [...] Calvino, como homem da segunda geração, não permitiu que a doutrina da justificação eclipsasse o restante da teologia cristã e por isso deu

maior atenção a aspectos do cristianismo que foram postergados por Lutero.²⁵

Como afirmado por Gonzalez, Calvino foi um reformador da segunda geração. No período de seu nascimento, em 10 de Julho de 1509, na França setentrional, Lutero já estava dando conferências em universidades. Quando Calvino tornou-se protestante, na década de trinta, herdou uma tradição e uma teologia já bem definida por quase duas décadas de controvérsias.

Dentre os assuntos sistematizados pelo reformador francês, está o conceito de fé. Seguindo a perspectiva teísta cristã, Calvino entende que a fé não é uma expectativa ou confiança, mas uma convicção. No comentário do Salmo 42, Calvino apresenta a certeza que o salmista tinha do livramento divino não como “uma expectativa imaginária produzida por uma mente fantasiosa; mas, confiado nas promessas de Deus, ele não só se anima a nutrir sólida esperança, mas também se assegura de que receberia infalível livramento”²⁶.

Tal afirmação mostra como o reformador identificava-se com a perspectiva teísta cristã ao mostrar a fé como uma convicção sustentada por um objeto definido e real, a saber, Deus. Além disso, Calvino, em um de seus sermões, diz que “nossa fé não tem que estar fundamentada no que tenhamos pensado por nós mesmos, mas no que nos foi prometido por Deus”²⁷. Com esta assertiva, o Pastor de Genebra mostra seu compromisso com a cosmovisão cristã de que a fé tem como objeto de sustentação não apenas o ser divino, mas a revelação que ele faz de sua vontade.

Em sua obra magna. *As Institutas da Religião Cristã*, ao começar a discorrer sobre a fé, Calvino condena o pensamento de que fé é apenas consentimento ou especulação.

Com efeito, a maioria dos homens, ao ouvir falar de fé, nada mais profundo concebe do que certo assentimento comum à história do Evangelho. De fato, quando nas escolas discutem a respeito da fé, afirmando simplesmente que Deus lhe é objeto, mercê de efêmera especulação... Transviam as míseras almas, em vez de as dirigirem ao seu destino.²⁸

²⁵ Gonzalez, Justo. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Reformadores*. Vol. 6. São Paulo: Ed. Vida Nova. 2003. p.107

²⁶ Calvino, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Parakletos, p.264.

²⁷ Calvino, João. Sermões sobre la obra salvadora de Cristo (Sermón 13), p.156. In: Costa, Hermisten. *Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006, p.133.

²⁸ Calvino, João. *Institución de la religión Cristiana*. Livro III, cap. 2. seção 1.

Nestas palavras, este teólogo deixa clara sua distância da percepção de que fé é tão somente uma concordância com algo que foi dito. Calvino, à semelhança dos demais teístas cristãos, também cria na fé como convicção em Deus e em sua revelação. Contudo, ainda fazendo parte da cosmovisão teísta cristã, o reformador, em seus escritos, mostra algumas divergências de outros cristãos, quando discorre sobre este assunto.

3.1. DEUS: OBJETO E AUTOR DA FÉ

A primeira distinção de Calvino, se comparado a outras cosmovisões cristãs²⁹ no que se refere ao seu entendimento de fé, pode ser tomada da citação feita acima³⁰, referente ao discurso do teólogo. Calvino entende que Deus é não somente o objeto da nossa fé, mas, igualmente, o autor da mesma.

“A fé convicta... não depende do endosso humano; mas, ao contrário, é nosso dever repousar na verdade nua de Deus, de modo que nem os homens nem todos os anjos juntos tenham como despojar-nos”³¹. Nas Institutas, Calvino afirma que “nós só somos levados a Cristo e seu reino, em genuína e verdadeira fé, em virtude do Espírito do Senhor”³². Isto significa que, além de objeto da fé, Deus é também aquele que nos conduz à mesma.

É impossível, de acordo com o pensamento de Calvino, que alguém tenha genuína fé em Deus, mediante seus Filho, sem que tenha sido conduzido ao mesmo por Deus, mediante seu Espírito.

É suficiente que, por meio de Paulo, a própria fé com a qual somos dotados pelo Espírito seja chamada ‘espírito de fé’ a qual, porém, não temos por natureza... Na Epístola aos Coríntios, onde diz que a fé não depende da sabedoria dos homens, pelo contrário é fundamentada no poder do Espírito, na verdade ele está falando de milagres externos; mas, porque os réprobos se fazem cegos em sua contemplação deles, compreende também ser ela aquele selo interior, de que faz menção em outro lugar. E para que em tão preclaro o dom de Deus ilumine ainda mais sua liberalidade, não concede dela a todos indiscriminadamente, mas por privilégio regular o concede àqueles a quem o queira.³³

²⁹ Como a Apostólica Romana, por exemplo.

³⁰ Citação 27, onde Calvino fal que Deus não é somente o objeto da fé.

³¹ Calvino, João. *Exposição de Gálatas*. São Paulo: Parakletos, p. 49

³² Calvino, João. *Instituição de la religión Cristiana*. Livro III, cap. 2. seção 34.

³³ Calvino, João. *Instituição de la religión Cristiana*. Livro III, cap. 2. seção 34.

Tais sentenças mostram a defesa de Calvino de que a fé é dada por Deus a quem ele deseja. Isto é, ela tem origem não no homem, mas no Criador. A fé, na perspectiva calvinista, não é fruto do esforço humano, não deriva das capacidades inatas do homem em crer piamente em algo. Tampouco decorre de alguma habilidade adquirida e desenvolvida ao longo da vida de quem quer que seja. Para Calvino, a verdadeira fé só existe quando decorre de Deus, que além de ser seu autor, é o seu objeto maior.

3.2. CARACTERÍSTICAS DA VERDADEIRA FÉ

Outra importante distinção feita por este teólogo, que caracteriza seu entendimento de fé, é a existência da mesma em dois tipos: verdadeira e espúria. Visto que vivia em um contexto no qual a fé era entendida de forma completamente diferente da perspectiva bíblica, Calvino deixou claro que existem algumas características que identificam uma fé como genuína. Ao iniciar seu discurso sobre a fé, em *As Institutas*, Calvino disse:

Mas, isto nos convém agora examinar: de que natureza deva ser esta fé, mercê da qual entram na posse do reino celestial todos quantos foram adotados por Deus como filhos. Claramente se compreende que não é suficiente em assunto de tanta importância uma opinião ou convicção qualquer. E de tanto e maior cuidado e zelo se nos deve perscrutar e investigar a verdadeira natureza da fé, quanto mais pernicioso é hoje neste aspecto o engano de muitos.³⁴

Nota-se, neste parágrafo, a cautela do teólogo francês em distinguir a verdadeira fé da falsa. Se até então existia algo que era entendido universalmente como fé, Calvino se propôs a mostrar que nem tudo aquilo que é identificado com fé verdadeiramente o é.

Por esta razão, esta pesquisa destaca três elementos fundamentais, apresentados por João Calvino em sua obra magna, que caracterizam a fé genuína.

3.2.1. Fé e Escrituras

João Calvino inicia sua apresentação da verdadeira fé alegando que ela é “embasada na Palavra de Deus escrita, polarizada no pleno conhecimento de sua vontade.”³⁵ Para ratificar esta tese, o teólogo afirma:

³⁴ Calvino, João. *Institución de la religión Cristiana*. Livro III, cap. 2. seção 1.

³⁵ Calvino, João. *Institución de la religión Cristiana*. Livro III, cap. 2. seção 6.

Pelo quê, se a fé se desvia sequer um milímetro desta meta que deve colimar, já não retém sua natureza, mas é incerta credulidade e vago devaneio da mente. A mesma palavra é a base em que a fé se apóia e se sustém. Se daí declina, desmorona-se. Tire-se, pois, a Palavra, e já nenhuma fé restará.³⁶

“Para conter as investidas, a fé se arma e se garante da Palavra do Senhor”³⁷,
discorre o reformador.

Em outra seção das Institutas, corrobora sua tese alegando:

Na verdade, daqui uma vez mais enfeixamos o que foi antes exposto: que a fé não tem menos necessidade da Palavra do que o fruto da raiz viva da árvore, porquanto, atesta-o Davi, nenhum outro pode esperar em Deus senão aquele que conhece seu nome. Esse conhecimento, porém, não provém da imaginação de cada um, mas até onde o próprio Deus é testemunha da sua bondade [Sl 9.10]. Isto confirma-o, em outro lugar, o mesmo profeta: ‘Tua salvação em conformidade com tua Palavra’ [Sl 119.41]. Igualmente: ‘Em tua Palavra tenho esperado; me salva’ [Sl 119.146,147]. Onde se deve notar primeiro a relação da fé com a Palavra; a seguir, a consequência resultante da fé.
³⁸

É impossível, portanto, que a verdadeira fé caminhe dissociada da Palavra de Deus. Retirada a Palavra, impossibilitada fica a fé de resistir a algo. Isto, pelo fato de que, acima de qualquer outra coisa, é mediante a fé que vêm o conhecimento da verdade de Deus e a elucidação da revelação feita na natureza, que aponta para a existência do Criador, mas que, sem a Palavra permanece obscuramente compreendida.

3.2.2. Fé e Cristo

Além de mostrar a íntima relação com a Palavra como característica da fé genuína, Calvino destaca que a verdadeira fé também tem como marca o fato de que repousa na graça de Deus, em Cristo.

Deus, como visto anteriormente neste trabalho, é o objeto maior da fé cristã. Entretanto, o foco da mesma, no ser divino, é a pessoa do Filho. É mediante a fé no Filho que alguém pode repousar convictamente nas promessas de Deus de graça, misericórdia e verdade.

Por isso, é indispensável volver-se a este ponto: que toda e qualquer promessa é um atestado do amor divino para conosco. De fato, está fora de controvérsia que ninguém é amado por Deus à parte de Cristo. Ele é o Filho Amado, em quem o amor do Pai habita e repousa; e

³⁶ Calvino, João. Instituição de la religión Cristiana. Livro III, cap. 2. seção 6.

³⁷ Calvino, João. Instituição de la religión Cristiana. Livro III, cap. 2. seção 21.

³⁸ Calvino, João. Instituição de la religión Cristiana. Livro III, cap. 2. seção 31.

então dele se difunde a nós, assim como Paulo ensina que temos alcançado graça no amado [Ef 1.6]. É necessário, pois, que, por seu intermédio, e intercessão chegue a nós sua graça.³⁹

Considerando que o Filho é o Mediador entre o Deus Triúno e o homem, a fé em Deus estabelece-se como verdadeira à medida que o homem coloca naquele que é a imagem do Deus invisível e a expressão exata do seu ser plena confiança, gerada pela convicção da veracidade de sua existência e de sua Palavra.

“Portanto, podemos obter uma definição perfeita de fé, se dissermos que ela é o seguro e firme conhecimento da divina benevolência para conosco, fundada sobre a veracidade da promessa graciosa feita em Cristo”⁴⁰, conclui Calvino.

Assim como é impossível dissociar a fé da Palavra, é igualmente impossível separá-la daquele que é, desde o princípio, a Palavra, por meio de quem todas as coisas foram criadas e que, na plenitude dos tempos, se fez carne.

3.2.3. Fé e Eleição

Outra característica que marca o conceito de fé no pensamento de João Calvino, e que identifica uma fé como verdadeira, é o fato de que ela só é eficaz na vida dos eleitos.

Visto que a fé, nas Escrituras, tem íntima relação com a questão soteriológica, e considerando que, na perspectiva calvinista, só chegam à salvação aqueles que foram amados por Deus antes da fundação do mundo, é fundamental considerar que a verdadeira fé é marca distintiva dos eleitos de Deus.

Além disso, ainda que a fé seja o conhecimento da divina benevolência para conosco e a segura convicção de sua verdade, contudo não é de admirar que nos chamados justos, temporariamente, se desvaneça o senso do amor divino, o qual, embora seja afim à fé, entretanto difere muito dela. Declaro que a vontade de Deus é imutável e que sua vontade é sempre consistente com a mesma. Contudo, nego que os réprobos avancem até o ponto de penetrar esta secreta revelação que a Escritura reivindica só para os eleitos.⁴¹

Esta tese de Calvino indica que, por mais que a fé pareça existir em todos os homens, nos réprobos ela é apenas aparente e ineficaz. Somente nos eleitos de Deus ela é real e eficaz.

³⁹ Calvino, João. Institución de la religión Cristiana. Livro III, cap. 2. seção 32.

⁴⁰ Calvino, João. Institución de la religión Cristiana. Livro III, cap. 2. seção 7.

⁴¹ Calvino, João. Institución de la religión Cristiana. Livro III, cap. 2. seção 12.

Mostrando que seu argumento tem como base o pensamento dos autores bíblicos, Calvino discorre:

Contra essa espécie de homens, que profanam impiamente a fé com falaz pretexto, Tiago investe resolutamente [Tg 2.14-26]; Tampouco Paulo requereria dos filhos de Deus “uma fé não fingida” [1Tm 1.5], a não ser pelo fato de que muitos arrogam para si o que não têm, e com vã aparência enganam ou a outros, ou por vezes a si próprios.⁴²

Nota-se, portanto, que, assim como a fé genuína, para Calvino era marcada por sua íntima relação com as Escrituras e com o indissociável amor à Cristo, ela também tem como característica o fato de ser presente exclusivamente na vida dos eleitos de Deus, amados antes da fundação do mundo.

4. CONCLUSÃO

Diante do exposto, algumas observações devem ser feitas, no que concerne ao conceito de fé. A pesquisa dedutiva realizada neste trabalho mostrou que a fé, partindo de sua aplicação geral para a particular, é entendida de formas distintas, de acordo com a cosmovisão que a contempla.

Foi observado que, conquanto alguns argumentem pejorativamente em favor da limitação deste conceito a poucas cosmovisões, ou tentem reduzi-lo à dimensão religiosa das mesmas, é necessário que a fé, em seu entendimento lato, se faça presente em todas as formas de se enxergar o mundo.

Assim como, neste sentido, o teísta dispõe de fé para sustentar seus pressupostos, o ateu também recorre a ela, a fim de ratificar sua tese. Quer criacionistas, quer evolucionistas; teístas ou deístas; ateus ou agnósticos; seja qual for a cosmovisão, ela só é sustentada se há quem nela creia.

Partindo desta concepção universal, o teísmo cristão particulariza este conceito, ao apresentá-lo não apenas como uma capacidade de crença em qualquer sistema. Na perspectiva cristã, a fé é uma convicção ou certeza de algo. Ela ultrapassa a mera idéia de divagação, especulação ou intuição. Crer, no teísmo cristão, é estar seguramente convicto de algo.

Em adição a isto, foi visto que esta convicção deriva do fato de que, no teísmo cristão, a fé não é direcionada a qualquer objeto. Ela possui um objeto fixo, real e bastante definido. Deus e sua Palavra são, indissociavelmente, os objetos da fé, no

⁴² Calvino, João. Instituição de la religión Cristiana. Livro III, cap. 2. seção 12.

Cristianismo. O primeiro sendo o objeto maior e o segundo o objeto mediante o qual a fé no primeiro é ratificada.

Particularizando ainda mais o conceito de fé, a cosmovisão calvinista o percebe com outras características, que o afastam da concepção cristã geral deste termo e, numa proporção maior, da perspectiva universal do mesmo.

Segundo João Calvino, Deus é não somente o objeto da fé do homem, mas também o seu autor. A fé não é, na cosmovisão calvinista, fruto do esforço humano. Ela decorre da manifestação da graça divina.

Para defini-la com mais precisão, Calvino, em *As Institutas*, defende a existência de duas espécies de fé: a verdadeira e a espúria. Tal defesa ocorre com base em argumentos escriturísticos, mediante os quais seus autores condenavam certas pessoas por não possuírem genuína fé.

O reformador mostra que a fé verdadeira é identificada por, sobretudo, três características: íntima relação com a Palavra. Isto é, a fé bíblica é concedida ao crente mediante o conhecimento que este desenvolve da Palavra de Deus. Além disso, a fé verdadeira é marcada por estar centrada na pessoa do Filho. Por ser ele o mediador entre o homem e Deus, a quem ninguém pode ver senão o Filho, a relação que o homem desenvolve com o Criador só pode ser verdadeira à medida que se estabelece por intermédio de Cristo, a imagem do Deus invisível. Isto significa que crer em Deus verdadeiramente corresponde a crer na verdadeira existência de Jesus como seu Amado Filho e na veracidade de suas palavras.

Por fim, Calvino mostra que a fé verdadeira é vista somente na vida dos eleitos. Conquanto muitos aparentemente apresentem características que sugiram a presença de fé, Calvino mostra que, porque ela está intimamente associada à salvação, e esta só é concedida aos que, de antemão, foram amados por Deus, a fé verdadeira só é contemplada por estes.

Tais observações indicam que, por mais que alguns conceitos estejam presentes em todas as cosmovisões, quando analisados a partir de perspectivas específicas, mostram-se por demais diferentes da percepção universal.

Conquanto a fé seja entendida universalmente, Calvino deu a ela, mediante interpretação da mesma nas Escrituras, um caráter que a elevou a um excelente conceito, indispensável para se viver uma vida agradável a Deus. Conforme ele mesmo afirmou, “É possível que não vivamos totalmente livres do sofrimento, não obstante é necessário que essa fé regozijante se erga acima dele e nossa boca se abra em cântico

por conta da alegria que está reservada para nós no futuro, embora ainda não seja experimentada por nós”⁴³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo, Ed. Cultura Cristã, 2001.

CALVINO, João. *Institución de la Religión Cristiana*. Rijswijk: FELIRE, 1968.

_____ *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Parakletos

_____ *Exposição de Gálatas*. São Paulo: Parakletos

CLARKE, Adam; HENRY, Mathew; JAMIESON; FAUSSET; BROWN. *The Bethany Parallel Commentary on the New Testament*. Minneapolis: Zondervan Publishing House, 1983.

COSTA, Hermisten. *Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006.

CRAMPTON, W. Gary. *What Calvin Says* Jefferson: The Trinity Foundation, 1992.

EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

FÉLIX, Luciene. *Kierkegaard: a conduta humana e os estágios estético, ético e a religioso*. Disponível em http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_kierkegaard.htm . Acesso em 25.09.07.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GEISLER, Norman L; TUREK, Frank. *I Don't Have Enough Faith to be an Atheist*. Wheaton: Crossway Books, 2004. (pp. 13-69).

GONZALEZ, Justo. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Reformadores*. Vol. 6. São Paulo: Ed. Vida Nova. 2003

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo, Vida Nova, 1999.

HILLERBRAND, Hans J. *The Oxford Encyclopedia of the Reformation*. vol. II. New York: Oxford University Press.

⁴³ Calvino, João. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Parakletos, p.268.

HOEKEMA, Anthony. *Salvos pela graça*. Cultura Cristã. São Paulo, 2004.

MCGRATH, Alister. *Intellectuals Don't Need God & other modern myth: Building Bridges to Faith Through Apologetics*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992.

MCGRATH, Alister; MCGRATH, Joanna. *O Delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MCKIM, Donald K. *Encyclopedia of the Reformed Faith*. Louisville: Westminster/John Knox Press. 1992.

SIRE, James. *O Universo ao Lado: A vida examinada*. São Paulo: United Press, 2004.

STOTT, John. *Fé: Uma crença ilógica no que não se pode provar?* Disponível em http://www.monergismo.com/textos/fe/fe_stott.htm. Acesso em 25.09.07